

*ERANOS  
BANG! BANG!*

*A CONSCIÊNCIA  
DE SI*

*HUGO FERRÃO*

11 ABRIL — 20 MAIO 2018









*Eranos* é um termo grego (erano) que significa banquete frugal entre amigos, em que cada um dos comensais se serve e partilha os alimentos trazidos por todos. Esta palavra encantatória é capaz de atingir diretamente a essência dos rituais praticados na juventude, que nos permitem inventar o futuro, questionar todas as visões que possam significar a existência. Podemos pressentir em *eranos*, uma ambivalência subtil, pois evocamos a materialidade do alimento para o corpo e também a imaterialidade da consciência de si, entendida como veículo do conhecimento, capaz de criar palavras e ideias transformadoras, como aquelas que faziam parte da imagética vivenciada em casa do Agostinho Sanches (1953-2009), onde se partilhava alguma coisa que se comia, mas onde se discutia e se especulava sobre livros, revistas, discos, textos pacifistas, desenhos, pinturas, máquinas fotográficas, fotografias mal impressas, e se combinavam idas aos cinema, às livrarias, à Fundação Calouste Gulbenkian, à Sociedade de Naturalogia de Lisboa para assistir a uma conferência de algum «mahatma», que nos trouxesse o perfume da Índia mística, ou à Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa na esperança de reconhecer atualidade e identidade nos novos artistas portugueses como aconteceu com a nova figuração em sintonia com a irreverência da *Pop Art*.

Na década de 70, vivíamos intensamente os últimos estertores do Estado Novo, protagonizados pelas conversas em família do Marcelo Caetano, teledifundidas a preto e branco, assistíamos aos embarques dos mancebos para as províncias ultramarinas, com o firme propósito de manter uma guerra a distância que se iniciara em 1961 e anunciava o fim do Império e dos altos desígnios impostos a um povo pobre de tudo. O regime político «orgulhosamente só», teimosamente afirmava a «mitologia lusitana» (António Ferro) que passava pelo sacrifício e pela resignação instaurados nas medalhas recebidas no Terreiro do Paço (10 de Junho), espécie de amputações devastadoras que criavam uma dimensão de irrealidade só suspensa pelo som das vozes de comando dadas aos «meninos da luz» (Colégio Militar) que desfilavam com todo o aprumo evocando o «zacatraz» e a divisa: «um por todos, todos por um». O respeito e a amargura desses tempos heroicos está sinalizado no meu imaginário pelo «silêncio escultórico» emanado dos claustros do Colégio, associado à generosidade do batalhão perfilado que chamava pelos alunos que haviam morrido em África, respondendo a uma só voz «presente!», para que o seu supremo sacrifício nunca fosse esquecido.

As mistificações que podem «justificar» a necessidade de uma guerra passaram a ser testemunhadas (informação-desinformação) pelas imagens fotográficas, pelos filmes mais ou menos ficcionados, pelos documentários, pela investigação académica (dissertações e teses), pelos imensos ensaios, pelas coleções dos museus militares, pelos arquivos, pelos desenhos, pelas gravuras, pelas pinturas, pelas esculturas, pelas medalhas comemorativas, pelos monumentos, pelas

exposições de todo o tipo e natureza, que criam uma densidade especulativa e espetacular, aparentemente tranquilizadora, perante a instantaneidade dos conflitos armados que testemunhamos quotidianamente (terrorismos), e que «justificam» viver-se num estado de exceção perpétuo (Giorgio Agamben), onde todas as opacidades repressivas são permitidas.

Lembro-me dos olhos da humanidade vitrificarem com os cogumelos atómicos de Hiroxima e Nagasaki, marcando o advento da total militarização das sociedades. Para trás ficavam os horrores e a barbárie «artesanais» das I e II Guerras Mundiais, onde milhões de militares e civis foram imolados. Passivamente assistimos à industrialização da morte (campos de concentração), e aos conflitos regionais que continuam a alimentar e a orientar os destinos da humanidade com a cumplicidade mercantil da ciência e da tecnologia.

O impacto da Guerra Colonial (1961-1974), eternizava-se e era indissociável do serviço militar obrigatório ou da deserção para parte incerta, no entanto chegavam-nos notícias fragmentadas, desfasadas, vigiadas, censuradas de um admirável mundo novo (Aldous Huxley), dos movimentos pacifistas como os *Beatniks*, assumindo a figura do «anti-herói» na marginalidade das obras de William Burroughs, de Allen Ginsberg e de Jack Kerouac, ou dos *Hippies* com o seu grande «guru», Timothy Leary, que elaborava alucinadas miscigenações entre psicologia, sociologia, antropologia e arte (psicadélica), do amor livre, das manifestações pacifistas antiguerra (*I won't fight in Vietnam*), das alternativas comunitárias radicalizando o abandono da sociedade de consumo (Jean Baudrillard), dos assassinatos dos Kennedy (John - 1963 e Robert - 1968) do Martin Luther King (1968), da personagem mítica de Che Guevara fotografado pelo Korda (Alberto Diaz Gutierrez) com uma Leica M2, da Leni Riefenstahl e os filmes nunca vistos, do maravilhoso Picasso com a Guernica a infernizar o Franco, das latas do Andy Warhol, do Roy Lichtenstein e a banda desenhada transformada em obra de arte, do IKB (*International Klein Blue*) de Yves Klein, da imagética consumista da Pop Art, da sedução do Maio de 68, com toda a utopia estudantil contestatária da ordem internacional estabelecida, enchendo Paris de barricadas e maravilhosos slogans (*L'obéissance commence par la conscience et la conscience par la désobéissance*) e das viagens em motas velhas que nos levassem para bem longe, para o sul da Grécia.

Faziam parte do nosso imaginário, entre muitos autores como Gaston Bachelard (A Terra e os Devaneios da Vontade), Herbert Marcuse (e o homem unidimensional), Carl Jung (com a ideia dos arquétipos e do inconsciente colectivo), Claude Lévi-Strauss (e o pensamento selvagem), René Guénon e o Titus Burckhardt (a paixão pela *Sophia Perennis*), Mircea Eliade (e as imagens e os símbolos), Gilbert Durand (a imaginação simbólica), Jean-Paul Sartre (os

homens servis), Noam Chomsky (a dignidade do indivíduo em relação ao estado), Guy Debord (sociedade do espetáculo), Jean Baudrillard (sociedade de consumo) e o Roland Barthes (com o sistema da moda), discutidos com a música de fundo do Wagner para nos lembrar da condição humana e dos mitos que nos habitam, ou ouvindo os protestos alternativos da Janis Joplin, do Jimi Hendrix, do Bob Dylan, do Zeca Afonso, do Ravi Shankar, da Joan Baez, do Miles Davis, dos Beatles, dos Led Zepplin, os Pink Floyd, os Doors, do Adriano Correia de Oliveira, do Leonard Cohen, do Otis Redding e do Léo Ferré, cujas letras e músicas nos inflamavam e nos faziam reconhecer a necessidade de assumir posicionamentos de resistência (*Ni Dieu Ni Maître*) como era o caso da objecção de consciência fervorosamente e calorosamente discutida em casa do Agostinho.

Estas inquietudes sobre a consciência de si, evitaram em mim o consentimento, o esquecimento e a resignação, em grande medida, porque tive figuras tutelares como a Hannah Arendt (Desobediência Civil), o Henry David Thoreau (A Desobediência Civil) o Martin Heidegger (Carta sobre o Humanismo) e o Mahatma Gandhi (e os protestos pacifistas) que eram capazes de descarnar os protocolos de sacrifício impostos aos outros esvaziando e mumificando (Mário Perniola) qualquer horizonte de humanidade. O espectro da Guerra Colonial marcou profundamente a minha geração, o nosso imaginário estava habitado por imagens que geravam uma tensão conflituosa insuportável, que não era possível apaziguar que tinha inevitavelmente de acabar.

Ao intitularmos esta instalação como: «*Eranos — Bang! Bang! A Consciência de Si*», pretendemos evocar um mitema libertador, intuído no enigma ocasional da negação de uma cultura de sacrifício e esquecimento. O processo de «coisificação - industrial» desta exposição tenta acentuar intencionalmente a dimensão de «colectivo-anónimo», de «linha de montagem» e da precariedade dos seres, a forma de o expressar passou pela criação de desenhos que foram tratados em computadores e projectados por intermédio de ampliadores analógicos (Durst 138 S), utilizando-se cartão reciclado canelado em painel (Proforma-Guimarães), com uma espessura capaz de manifestar a fragilidade do corpo na presença das balas, este cartão foi serrado e posteriormente pintado recorrendo a moldes (selecção de cores) que obrigavam ao nivelamento das formas (apagamento da individualidade) provenientes da matriz fotográfica utilizada. As cores são lisas, uniformizadas, impessoais e foram aplicadas com pistola, rolo, trincha, spray e outros instrumentos feitos especificamente para que não existisse grande controle actuante, mas que instaurassem as cadências monótonas da produção industrial. O balão «Bang!», é uma apropriação fragmentada do Roy Lichtenstein e colado acidentalmente sobre o corpo das figuras. Os números e letras (código de série) são riscados e pintados por

intermédio de alfabetos em chapa e nas costas de cada um dos soldadinhos, estão inscritos números do balanço estatístico dos países envolvidos na I Guerra Mundial, dos mobilizados, dos mortos, dos feridos, dos desaparecidos e dos prisioneiros (Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes).

Pretendia conceber um dispositivo imagético convocando as imagens dos soldados impressos em cartolinas que se recortavam e se colocavam em pé dobrando a base e com os quais se brincava às guerras. Estes soldadinhos adquiriram a escala real, representam jovens do Colégio Militar do curso (1966-1973), portadores de números que lhes foram atribuídos e os identificavam, mas que ao longo dos anos foram simbolicamente atingidos (Bang !) por todas as desilusões e imagens de guerra a que estiveram expostos.

Estas «coisas efémeras» com a configuração «meninos da luz» são simultaneamente um tributo aos jovens que na sua candura e generosidade participaram morrendo ou sobrevivendo na I Guerra Mundial, ao meu saudoso amigo Agostinho Sanches, com quem partilhei as angústias dos «dias de chumbo» e as alegrias da inexistência do serviço militar obrigatório, aos camaradas do curso do Colégio Militar, presentes como árvores frondosas, portadores de códigos e valores espartanos transmitidos e vividos durante toda a existência, à ligação inquebrantável gerada entre eles, forjada na endurance das «firmezas», nas idas a Mafra, nas formaturas, nas praxes, na instrução militar, nas salas de estudo, no toque de alvorada que nos despertava para as manhãs luminosas anunciadoras do futuro (*carpe diem*). É também o reconhecimento pelo engenho e arte dos militares como o meu avô, que profissionalmente prepararam milhares de jovens para olharem a morte de frente sendo capazes de a saudar com um sorriso, testemunhado por estas pinturas que nos cercam e nos olham dizendo na sua visibilidade: «Lembrem-se !...». Termino reconhecido pelo enorme contributo dado pelo Director do Museu Militar Coronel Luís Sodré de Albuquerque e pelo pintor Ilídio Salteiro ao realizarem um conjunto de exposições subordinadas à evocação da I Guerra Mundial como actos de memória que só a dimensão da arte nos pode fazer sentir e compreender.

Hugo Ferrão

Casa das Três Colunas, Amieira do Tejo, 2018















